

Em 1945 os nossos pais foram-se embora, deixando-nos ao cuidado de dois homens que podiam muito bem ser criminosos. Vivíamos numa rua de Londres chamada Ruvigny Gardens, e uma manhã, um deles, a mãe ou o pai, sugeriu que depois do pequeno-almoço tivéssemos uma conversa em família, e disseram-nos que nos iam deixar e deslocar-se para Singapura durante um ano. Não era muito tempo, afirmaram, mas também não seria uma viagem breve. É claro que teríamos quem olhasse bem por nós na sua ausência. Recordo-me de que o nosso pai estava sentado numa daquelas cadeiras de jardim em ferro, desconfortáveis, quando nos deu a notícia, enquanto a nossa mãe, de vestido de verão, mesmo atrás do seu ombro, observava as nossas reações. Passado algum tempo, pegou na mão da minha irmã Rachel e encostou-a à cintura, como se pudesse transmitir-lhe calor.

Nem eu nem Rachel pronunciámos uma palavra. Tínhamos os olhos cravados no nosso pai, que indicava os pormenores do voo que iam fazer no novo *Avro Tudor I*, sucessor do bombardeiro *Lancaster*, capaz de voar a mais de trezentas milhas por hora. Teriam de aterrar e mudar de avião pelo menos duas vezes, antes de alcançarem o destino. Explicou que fora promovido para ir chefiar a filial da Unilever na Ásia, um passo acima na carreira. Seria bom para todos nós. Falou em tom sério e a certa altura a nossa mãe virou-se, para olhar para o seu jardim de agosto. Depois de o meu pai acabar de falar, vendo que eu estava confuso, ela veio até junto de mim e passou os dedos pelos meus cabelos, como um pente.

Eu tinha catorze anos na altura e Rachel quase dezasseis, e eles disseram-nos que depois das férias um guardião, como a minha mãe lhe chamou, tomaria conta de nós. Referiram-se a ele como colega. Nós já o conhecíamos — costumávamos chamar-lhe «o *Traça*», nome inventado. A nossa família tinha o hábito das alcu-nhas, o que significa que também era uma família de disfarces. Rachel já me tinha dito que desconfiava que ele trabalhava como criminoso.

O plano parecia estranho, mas a vida ainda era fortuita e confusa, naquele período a seguir à guerra; por isso, o que nos foi sugerido não pareceu fora do comum. Aceitámos a decisão, como as crianças fazem, e o *Traça*, que era, havia pouco tempo, o nosso inquilino do terceiro andar, um homem humilde, corpulento, mas parecido com uma traça nos seus discretos movimentos, ia ser a solução. Os nos-sos pais devem ter presumido que ele era de confiança. Se a crimi-nalidade do *Traça* era ou não evidente para eles, não tínhamos a certeza.

Suponho que em tempos houvera uma tentativa de fazer de nós uma família solidamente unida. Uma vez por outra o meu pai per-mitia que eu o acompanhasse até aos escritórios da Unilever, que aos fins de semana e feriados se encontravam desertos, e enquanto ele estava ocupado eu vagueava por aquilo que parecia um mundo abandonado no décimo segundo andar do prédio. Descobri que to-das as gavetas do escritório estavam trancadas. Não havia nada nos cestos de papéis, nem quadros nas paredes, embora numa parede do gabinete dele estivesse afixado um grande mapa em relevo, repre-sentando a localização das agências da empresa no estrangeiro: Mombaça, Ilhas Cocos, Indonésia. E, mais perto de casa, Trieste, Heliópolis, Benghazi, Alexandria, cidades que contornavam o Me-diterrâneo, sucursais que eu supunha que estavam sob a alçada do meu pai. Era ali que registavam as cargas para as centenas de navios que viajavam de e para o Oriente. As luzes que identificavam as cidades e os portos no mapa estavam apagadas ao fim de semana, às escuras, à semelhança desses longínquos postos-avanzados.

À última hora foi decidido que a nossa mãe ficaria connosco duran-te as últimas semanas do verão, a fim de tomar as necessárias provi-dências para que o inquilino olhasse por nós, e preparar-nos para os

nossos novos colégios internos. No sábado antes de ele viajar sozinho para aquele mundo distante, acompanhei mais uma vez o meu pai até ao escritório, perto de Curzon Street. Ele sugerira um longo passeio a pé, uma vez que, segundo disse, nos próximos dias o seu corpo estaria vergado dentro de um avião. De modo que apanhámos um autocarro para o Museu de História Natural e depois atravessámos Hyde Park, até Mayfair. Mostrava-se excepcionalmente animado e alegre, cantando os versos «*Homespun collars, homespun hearts, Wear to rags in foreign parts*»¹, que repetia uma e outra vez, quase com garbo, como se isso fosse uma regra fundamental. O que queria aquilo dizer?, perguntava-me. Lembro-me de que foram necessárias várias chaves para entrarmos no edifício em que o escritório onde ele trabalhava ocupava todo o último andar. Detive-me em frente do grande mapa, ainda apagado, decorando os nomes das cidades que ele sobrevoaria nas próximas noites. Já nessa altura eu adorava mapas. Ele aproximou-se por trás de mim e acendeu as luzes, para que as montanhas do mapa em relevo projetassem sombras, embora eu agora não reparasse tanto nas luzes como nos portos, iluminados a azul pálido, e também nas grandes extensões de terra não iluminada. Já não era uma perspectiva completamente revelada, e desconfio que tanto eu como Rachel devemos ter observado o casamento dos nossos pais com uma perceção idênticamente imperfeita. Raramente nos tinham falado das suas vidas. Estávamos habituados a histórias parciais. O nosso pai participara nas fases finais da última guerra, e não creio que ele sentisse que de facto nos pertencia.

Quanto à ida de ambos, admitimos que ela tinha de ir com ele: não era possível, pensámos, que pudesse existir separada dele — era a sua mulher. A calamidade seria menor, menor a cisão da família, se nos deixassem sós, em vez de ela ficar em Ruvigny Gardens para cuidar de nós. E, como nos explicaram, não podíamos abandonar de repente os colégios em que fôramos admitidos com tanta dificuldade. Antes da partida todos nós abraçámos o nosso pai, em bloco. O *Traça* desapareceu taticamente durante o fim de semana.

E assim iniciámos uma nova vida. Na altura não acreditei bem nisso. E ainda não tenho a certeza se o tempo que se seguiu estragou

ou impulsionou a minha vida. Ia perder o modelo e a contenção dos hábitos familiares durante esse tempo e, como consequência, mais tarde haveria em mim uma indecisão, como se tivesse esgotado as minhas liberdades demasiado depressa. De qualquer modo, tenho agora uma idade que me permite falar disso, de como crescemos protegidos pelos braços de estranhos. E é como se se fizesse luz sobre uma fábula, acerca dos nossos pais, acerca de Rachel e de mim, e do *Traça*, e dos outros que se juntaram a nós depois. Suponho que haja tradições e tropos em histórias como esta. Dá-se a alguém um teste para resolver. Ninguém sabe quem é o detentor da verdade. As pessoas não são quem nós pensamos, nem estão onde julgamos que estão. E há alguém que vigia, de um local desconhecido. Lembro-me de que a minha mãe adorava falar daquelas tarefas ambivalentes confiadas aos leais cavaleiros das lendas arturianas, e da forma como nos contava essas histórias, situando-as por vezes numa pequena aldeia específica dos Balcãs ou de Itália, onde afirmava ter estado e que nos mostrava num mapa.

Com a partida do nosso pai, a presença da nossa mãe ganhou uma maior dimensão. As conversas que costumávamos ouvir casualmente entre os nossos progenitores sempre tinham versado sobre temas de adultos. Mas agora ela começava a contar-nos histórias acerca de si e do facto de ter crescido no campo, na região do Suffolk. Gostávamos particularmente do conto sobre «a família em cima do telhado». Os nossos avós viviam numa zona do Suffolk chamada The Saints, onde pouca coisa havia que os perturbasse, apenas o som do rio ou, de vez em quando, um sino da igreja de uma aldeia próxima. Mas houve um mês em que uma família lhes permaneceu em cima do telhado, atirando coisas em redor e gritando uns com os outros, tão alto que os barulhos penetravam através do teto e se imiscuíam na vida familiar. Era um homem barbudo com os três filhos. O mais novo era o mais calado, geralmente levava os baldes de água pela escada de mão acima, para os outros que estavam no telhado. Mas sempre que a minha mãe saía de casa para ir buscar ovos ao galinheiro ou para entrar no carro, via-o a observá-los. Eram assentadores de colmo e estavam a arranjar o telhado, trabalhavam o dia inteiro. À hora do jantar, retiravam as escadas de mão e iam-se embora. Mas um dia uma forte ventania ergueu no ar o filho mais novo, que perdeu o equilíbrio e

caiu do telhado, resvalou pelo caramanchão de tília e aterrou nas pedras da calçada junto à cozinha. Os irmãos transportaram-no para dentro de casa. O rapaz, que se chamava Marsh, tinha partido a anca, e o médico que compareceu engessou-lhe a perna e disse-lhes que ele não podia ser deslocado. Teria de ficar num divã, na copa, até que os trabalhos no telhado terminassem. A minha mãe foi encarregada — tinha oito anos na altura — de lhe servir as refeições. De vez em quando levava-lhe um livro, mas ele era tão tímido que pouco falava. Aquelas duas semanas, para ele, devem ter parecido uma vida inteira, disse-nos ela. Por fim, finalizado o trabalho, os membros da família pegaram no rapaz e foram-se embora.

Sempre que eu e a minha irmã recordávamos esta história, era como se fosse uma passagem de um conto de fadas que não tínhamos compreendido bem. A nossa mãe contou-a sem dramas, retirando-lhe o horror da queda do rapaz, tal como acontece nas *Twice-Told Tales*². Devemos ter pedido mais histórias a respeito do rapaz que caiu, mas foi esse o único incidente que ela nos deu a conhecer — essa tarde fustigada pela procela, em que ouviu o baque surdo e molhado que o corpo dele fez ao tombar no chão empedrado, depois de se despenhar através dos galhos e das folhas do caramanchão de tília. Apenas um episódio da trama obscura da vida da nossa mãe.

O *Traça*, o nosso inquieto do terceiro andar, ausentava-se de casa a maior parte do tempo, embora por vezes chegasse suficientemente cedo para lá estar à hora do jantar. Nessas alturas era encorajado a fazer-nos companhia, mas só depois de muita agitação dos braços, numa recusa pouco convincente, é que se sentava e comia à nossa mesa. Mas quase sempre, à noite, ia até Bigg's Row para comprar uma refeição. Grande parte da zona fora destruída durante o *Blitz*, e tinham ali instalado provisoriamente alguns carrinhos de comida de rua. Estávamos sempre conscientes da sua presença hesitante, das suas aparições fortuitas aqui e ali. Nunca tivemos a certeza se as maneiras dele mostravam timidez ou indiferença. Havia variações, claro está. Por vezes, da janela do meu quarto via-o a conversar calmamente com a nossa mãe no jardim sombrio, ou encontrava-o a tomar chá com ela. Antes de a escola começar, ela passou bastante tempo a convencê-lo a ensinar-me matemática, matéria em que eu reprovava insistentemente na escola e, na verdade, continuaria a re-